

FICHA TÉCNICA

Título original: *Magellano*

Autor: *Gianluca Barbera*

Copyright © 2018 by Lit Edizioni Srl

Edição original publicada por Castelvechi Editore

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2019

Tradução: *Filipe Guerra*

Revisão: *Nuno Telheiro Martins/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Zoltan Totb/Trevilion Images*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, abril, 2019

Depósito legal n.º 453 909/19

Reservados todos os direitos

para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

PRÓLOGO

12 de setembro de 1568

Chamo-me Juan Sebastián del Cano — de alcunha *el Perro*, «o Cão» — e, como a maior parte dos meus compatriotas sem dúvida se lembra, viajei na qualidade de timoneiro na *Trinidad*, ao lado de Fernão de Magalhães, durante um ano, sete meses e dezassete dias: tantos quantos tive o cuidado de contar. Das cinco carracas que partiram para desafiar os oceanos, com uma tripulação de duzentos e sessenta e cinco homens, apenas uma regressou, a *Victoria*, que o destino pusera sob o meu comando, como último oficial que restava de toda aquela grande expedição; na realidade, a *Victoria* era a nau mais pequena e frágil da frota, logo depois da *Santiago*, que se afundou entre os desfiladeiros do rio Santa Cruz, apenas a dois graus de latitude do estreito de Todos os Santos, descoberto por nós no 1.º de novembro do ano da graça de 1520. Sim, eu tive a sorte (ou chamai-lhe como vos parecer) de ser um dos dezoito homens a quem foi concedida a graça de regressar, depois de três anos à volta do globo e de aventuras e tragédias além das que um homem pode suportar. Eu, Sebastián del Cano, *el Perro*, confesso-o aqui e agora, pela primeira vez, que traí o meu comandante e almirante, Fernão de Magalhães, da forma mais abjeta, embora não fosse o único. E por mor dessa traição, tão hábil e infamemente urdida e ocultada, apropriei-me das honras, da glória e das riquezas que só a ele, Fernão de Magalhães, seriam devidas por direito terreno e divino. Eu, Sebastián del Cano, sem qualquer

mérito (salvo os que apenas se reconhecem aos ladrões e assassinos) vi-me coberto de ouro, de honrarias e de uma glória imorredoura. Essa glória, essas honras e esse ouro só a ele, Magalhães, eram devidos; e, por força da nossa traição (minha e dos outros marinheiros e oficiais da tripulação, como ficareis a saber por meio destas minhas memórias), foram-lhe roubados ou impedidos de alcançar da forma mais miserável.

Chegou o momento, contudo, depois de tantos anos nesta vergonha, que conspurcou não só a minha pessoa mas toda a corte de Espanha, chegou o momento, dizia, se formos homens, de restabelecer a verdade, toda a verdade, sobre aquela memorável expedição, concebida, projetada e dirigida, até as forças o abandonarem, por Fernão de Magalhães, o único que merece os títulos de primeiro circum-navegador da Terra e de descobridor de novos mundos a oriente, para honra e glória da Coroa de Espanha, ele que nasceu em terras de Portugal, de onde teve de fugir pela calada da noite, como um vulgar gatuno, na garupa de um burro. Títulos que, com desprezo por toda a verdade terrena, somente a mim foram reconhecidos.

A mim, e só a mim, foram perdoadas e declaradas extintas as culpas de uma vida inteira (e eram tantas), das quais decidi fugir embarcando naquela empresa que, na altura, eu considerava leviana. A mim, e só a mim, foi concedida uma tença anual de cinquenta florins de ouro. A mim foi dada a ordem de cavalaria de Santa Cruz de Córdoba. A mim foi atribuído o soberbo brasão de armas de imorredoura memória, que me designa como executor da imortal empresa: dois bastonetes cruzados de canela com nozes-moscadas e cravinhos, encimados por um elmo que sustenta a esfera terrestre; e, sobre a esfera terrestre, a soberba inscrição *Primus circumdedisti me*.

E tudo isto enquanto o nome de Fernão de Magalhães jaz no pó e na lama, espezinhado por pés indignos, e a sua estirpe é extinta, apagada para todo o sempre. Mas talvez a memória possa ser restituída intacta àquele que, para além de todos os limites, foi grande, como agora o sei e reconheço, maior do que todos nós, os que, na altura, não só não o compreendemos como o desprezamos, e lhe

virámos as costas, culpando-o de traição da maneira mais mesquinha. Chegou o momento, dizia, de contar como eu, depois de o ter traído, manchei o seu nome, usurpei os seus méritos e honras. Como urdimos a grande conspiração e como traímos um homem que não o merecia e era, só agora o compreendo, muito melhor do que nós (pelo menos, assim o creio). Durante todos estes anos, Deus nosso Senhor é testemunha (desde que Ele se tenha dignado olhar para mim), de que a consciência nunca mais deixou, noite e dia, de me atormentar; e ainda bem porque, se assim não fosse, não poderia considerar-me um homem. Há tempo de mais que me tenho deixado esmagar pelo peso da culpa, calando-me, para não ter de renunciar a essas honras e riquezas de que me apoderei, que me foram atribuídas sem que, para tal, eu tivesse qualquer mérito; ou quase nenhum. Antes de morrer, porém, *sinto* a necessidade de repor as coisas no devido lugar, restituindo a cada um, na medida do possível, aquilo que lhe pertence, para o bem e para o mal, sejam quais forem as consequências. Sinto a morte a aproximar-se, nesta minha idade de oitenta e dois anos, e como não tenho herdeiros nem parentes a quem me sinta ligado, não temo prejudicar ninguém do meu próprio sangue quando esta confissão chegar aos ouvidos do nosso amado e piedoso Soberano Ilustríssimo e ele me privar imediatamente dos títulos, das honras e das riquezas: o que é tão certo como o dia suceder invariavelmente à noite.

Como se verá por este meu relato, verdadeiro do princípio ao fim, reconheço aqui publicamente que o nosso bom senhor Antonio Pigafetta, cavaleiro de Rodes, cidadão da gloriosa República Sereníssima¹, acusado de ter mentido e cometido perjúrio nos seus relatos, mantidos dia após dia durante toda a viagem, disse a verdade e só a verdade, tendo inteira razão e todo o direito de nunca citar o meu nome, fosse por encómio, fosse por infâmia. Apropriei-me desses cadernos de Antonio Pigafetta e mantive-os escondidos durante todos estes anos, assim como do diário de bordo do nosso almirante Fernão de Magalhães, procurando com isso ocultar a verdade aos olhos do mundo e da História. Mantive escondidos

¹ Atual cidade de Vicenza. (NT)

os diários e as cartas de Fernão de Magalhães durante todos estes anos, diários e cartas que, em apêndice a estas minhas memórias, entendo publicar integralmente e sem qualquer omissão.

Com isto não creio, nem pretendo, limpar a minha consciência e merecer a entrada nas sagradas portas do paraíso (no qual, por outro lado, acredito muito pouco), o que não seria possível, mas ousou tão-somente esperar e fazer votos, apesar da pouca fé que me resta nos homens, de restituir a esse homem excelso que foi o nosso comandante e almirante, Fernão de Magalhães, a luz que o seu nome glorioso merece e que durante tanto tempo contribuí para ofuscar, para minha eterna danação, apesar de já nem sequer no fogo eterno acreditar.

Por minha fé,
Juan Sebastián del Cano
Humilde servidor de Sua Majestade Ilustríssima
e Excelentíssima Felipe II²

² Filipe I de Portugal. (NR)

1

É preciso saber calar, especialmente quando se sofre. Estas palavras teriam agradado a Magalhães, além de configurarem o seu perfeito retrato. No entanto, quando o vi pela primeira vez, pensei: *Este homem é louco e extremamente perigoso. O seu olhar é o de um fanático, de um falcão predador, de um lobo cauteloso, de um arrepiante animal noturno, de uma qualquer espécie exótica de réptil letal. Um fanático calmo, a raça mais perigosa dos fanáticos.* É verdade que, depois, mudei de opinião, mas foi preciso tempo e que acontecessem muitas coisas até que esta mudança se produzisse no meu espírito.

Recordo o nosso primeiro encontro como se fosse hoje.

Era uma manhã já avançada de princípio de agosto, límpida e arejada. Na dupla enseada as águas estavam calmas e havia umas nuvens brancas no horizonte aberto e claro. Do porto chegavam os cheiros a peixe e a especiarias, o vozear das pessoas que compravam e vendiam; mas também, de vez em quando, os eflúvios do pântano trazidos pelo vento de sudoeste. Nessa manhã, eu já tinha emborcado mais de um copo de aguardente e fixava tristemente o dedo grande do pé direito que espreitava da biqueira do meu sapato esburacado, quando, ao despedir-me da taberneira, fui tomado por uma inspiração súbita e decidi apressar-me na direção do porto, fazendo ouvidos moucos aos chamamentos da patroa que reclamava, com acompanhamento de muitos *hijo de puta!*, o pagamento do quartilho que me servira. Estava em Sevilha havia dois dias e tinha necessidade de embarcar no primeiro barco que

saísse. Fosse qual fosse o destino, não importava. Tinha no meu encaço razões imperiosas que assim o exigiam.

Desci pelas intrincadas ruelas que iam dar ao porto, atravessei frágeis casebres de pescadores construídos de terra, palha e redes, como que colados com cuspo. Na noite anterior, na taberna do Tremolino, um mestre asturiano sem uma orelha, diante de um copo de xerez, tinha-me falado desse português, um tal Magalhães, e do seu parceiro Faleiro, que recrutavam marinheiros para uma grande armada, em nome e por conta do rei, e que estava para zarpar. O rumo era desconhecido, o tempo de permanência no mar era, no mínimo, de dois anos. O navio chamava-se *Trinidad*. *Era o que eu mais necessitava*, pensei, porque, entre outras coisas, queria que alguns pecadilhos meus me fossem perdoados pelo tribunal de Castela, e a única maneira era essa, ou seja, deixar passar o tempo até que o processo prescrevesse.

Num descampado perto do porto era dia de mercado. Passei por entre as bancas de latoeiros, amoladores, salsicheiros, hortaliçeiros, peixeiros, vendedores de peças de tecido. Num palco de madeira bamboleante, um par de dançarinos de *farruca* bailava ao som de um alaúde. De vez em quando, alguém lhes deitava uma moeda no cesto, mas eram sobretudo pedras e botões que lá havia.

Parei em frente de um miserável espetáculo de fantoches; pouco depois chamou-me a atenção um pregador em pé, no estribo de uma carruagem. Ainda não abrira a boca e já a multidão se amontoava e vozeava à sua volta.

Embrulhado numa capa negra, com uma barba comprida e pegajosa sob o queixo, dois olhos pequeninos e maldosos cravados no público, começou a dizer numa voz rouca de catarro:

— Vendo as multidões, Jesus subiu ao monte e, quando se sentou, aproximaram-se dele os seus *discipulos*. Tomando então a palavra, ensinava-os, dizendo: «Bem-aventurados os pobres porque deles é o reino dos Céus. Bem-aventurados os famintos porque serão saciados...».

Na assistência muitos aplaudiram, mas alguém gritava:

— Temos fome! Dá-nos antes alguma coisa de comer.

— Bem-aventurados vós, que agora chorais, porque haveis de rir. Bem-aventurados os que forem perseguidos em meu nome,

porque será grande a sua recompensa no reino do meu Pai. Ai dos ricos, porque já não terão nada...

— Aqui, o mais rico morre de fome! — gritou um carroceiro que transportava uma carga de lenha.

— Ai de vós, que agora estais saciados, porque tereis fome...

— Apalpa aqui, sentem-se as costelas — disse, escarninho, um aleijado, tão bêbedo que não se segurava nas pernas.

— Ai de vós, que agora ris, porque chorareis na dor. Temei, quando todos os homens disserem bem de vós...

— Mas se nos chamam ladrões e perjuros! — caçoaram dois campônios com sotaque basco que, sob a capa, escondiam certamente os facalhões.

— Ouvi o que vos digo: amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam, abençoai os que vos amaldiçoam, rezai por aqueles que vos batem. Àqueles que vos batem numa face, ofereci a outra; a quem vos roubar a bolsa, dai a chave de casa...

— É preciso tê-la, a casa — murmurou alguém.

— Dai a quem vos pedir; e a quem tomar as vossas coisas, não pedis que vo-las devolvam. E aquilo que quereis para vós, fazei-o aos outros... Amar os que nos amam: que mérito isso tem? Também os pecadores amam aqueles que os amam... Se fazeis o bem àqueles que vo-lo fazem, que *gratificação* vos é devida?

Ouviram-se alguns assobios.

— Analfabeto, vai para casa!

— E se dais àqueles de quem esperais receber, que *gratificação* vos é devida?

— E ele insiste!

— Amai antes os vossos inimigos, fazei o bem e dai sem esperar nada em troca, e a vossa recompensa será grande e sereis chamados filhos do Altíssimo, porque Ele é benévolo para com os ingratos e os maldosos... Sede misericordiosos, como é o vosso Pai. Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados. Dai e ser-vos-á dado...

— Para se poder dar, é preciso ter. Mas, tirando os piolhos, não temos mais nada — objetou uma mulherça de touca branca na cabeça e mãos e braços de servente de pedreiro.

Deve ser uma dessas mulheres que em casa bate no marido, pensei eu ao olhar para ela. Mas quando, um instante depois, os meus olhos se pousaram na mulher que estava ao seu lado, deu-me um baque no coração. Meu Deus, aquela era a minha mãe! Como era possível? Tinha uma ligadura no pescoço, que dava nas vistas, e a cara de uma cega. Parecia envolta num halo de luz. Rompi por entre a multidão, mas quando cheguei ao sítio em que a vira, já lá não estava. Tinha, literalmente, desaparecido. Continuei a procurá-la com os olhos, com o coração em sobressalto.

— Sede justos — continuava o pregador na sua voz doentia. — Porque olhais para o argueiro no olho do vosso irmão e não vedes a trave no vosso? Quem vier a mim e escutar a minha palavra, e a puser em prática, é como o homem que, construindo uma casa, cavou profundamente a terra até chegar à rocha e nela assentou os alicerces. Quando há uma cheia, o rio investe contra a casa, mas não consegue mexê-la. Mas quem, pelo contrário, escuta e não põe em prática, é como o homem que construiu uma casa à flor da terra, sem alicerces. O rio investe contra ela e de imediato a *desrrumba*...

Estrondaram aplausos misturados com assobios.

— Aposto que a casa dele é precisamente o contrário dessa que ele prega! — ironizou a mulherça, dando-me uma pequena cotovelada.

Foi nesse momento que voltei a vê-la, no lado oposto do terreiro, mas só por um instante. Depois desapareceu como uma réstia de fumo que se desvanece, deixando-me dominado por uma grande perturbação.

Afastei-me rapidamente, metendo pelas docas do porto, presa de um remoinho de pensamentos.

Depois de alguns passos na direção do poente, vi à minha frente uma longa fila de homens à espera de subirem a escada do portaló que dava para a ponte do convés de uma magnífica carraca de, pelo menos, cem toneladas de arqueação, completamente remodelada, parecendo nova. No casco estava o nome pintado de fresco: *Trinidad*. Era precisamente o que eu procurava. Quando me acalmei um pouco, fiz algumas perguntas à volta e ocupei um lugar na fila. Ao fim e ao cabo, estava ali para isso.

Quando, depois de uma hora na fila, subi a escada do portaló e me vi na ponte da *Trinidad*, havia recuperado completamente a calma. Não me foi difícil descobrir a figura seca, de baixa estatura, do homem que comandava, o almirante Fernão de Magalhães em pessoa. Vestia inteiramente de negro, tinha o corpo franzino, a cara larga e vulgar com uma expressão de aborrecimento. Estava sentado a uma mesinha com uma pena de ganso na mão que, de vez em quando, molhava num tinteiro para depois escrever no livro de registos aberto à sua frente. Era um homem pequeno, como dizia, mas tinha os ombros mais largos, embora delgados, do que os adequados à sua estatura; e umas mãos grandes e grossas, uns olhos negros e cavados nas órbitas sob as sobrancelhas hirsutas; e uma barba rala e cerdosa que lhe chegava ao peito e começava a ficar grisalha. Tinha os lábios grossos e arrepiados num trejeito de desagrado permanente. Fazia uns gestos sóbrios e sopesava cada palavra com a meticulosidade de um ourives. Alardeava o ar de quem olhava o mundo do alto. Ao lado dele, como um mastro grande corroído pela salsugem e, no entanto, com uma cara que a isso não correspondia, estava um barrigudo a quem todos chamavam respeitosamente «*señor Faleiro*», com fama, ao que ouvira dizer, de excelente cartógrafo: também ele era português. Observando-o, o homem causava uma ridícula impressão, sempre a virar a cabeça de um lado para o outro, como se tivesse um torcicolo ou fosse presa de um tique nervoso, inclinando-se muitas vezes para Fernão de Magalhães e sussurrando-lhe ao ouvido.

Do outro lado, estava de guarda, com a mão nodosa sobre o castão da adaga que trazia à cinta, um homem de pequena estatura mas de esbelta compleição, com ar de malaio (já antes tinha visto homens assim, no decurso das minhas viagens), uma pele brilhante e azeitonada, de cabelo solto, preto de azeviche, com os nervos tensos, os olhos como punhais. Devia tratar-se de Enrique, o escravo de que me haviam falado. Magalhães comprara-o em Malaca por uma côdea. Ninguém poderia dizer se era mais pobre o patrão ou o escravo. Este era um jovem caído em desgraça por dívidas de jogo e resignado a seguir o seu senhor para onde este o quisesse levar.

Fiquei à espera da minha vez, passando os olhos do almirante para Enrique e de Enrique para Faleiro. O aspeto deste não deixava de me surpreender: parecia o enxerto de uma cabeça de rapazinho no corpanzil de um velho sátiro. Enquanto esperava, trocava algumas palavras com quem estava atrás de mim, tentando obter quaisquer informações úteis, mas com pouco êxito. Quando chegou a minha vez, avancei, com um misto de alguma hesitação e de alguma confiança. Magalhães ergueu os olhos para mim, com ar de quem me avaliava. Juro que, se não fosse pelo seu bater de pálpebras, o tomaríamos por uma estátua.

— Nome? — perguntou de chofre, com uma voz aguda que não deixou de me surpreender num homem com aquela fisionomia, lançando um olhar para o meu imundo dedo grande do pé.

— Chamo-me del Cano. Sebastián del Cano.

— De onde vem? — Agora tinha os olhos inquisitivos cravados nos meus.

— Venho de Getaria, na província de Guipúzcoa, País Basco — respondi. — E não há terra melhor — acrescentei logo depois, sorrindo, à espera da sua aprovação.

— Melhor em que sentido? — disse ele e, sem me dar tempo para responder, disparou-me outra pergunta muito pouco pertinente: — A sua família tem fortuna, propriedades, em que lugares?

— Nem sequer têm a cama onde dormem — comprazi-me em responder. — São pobres como Job. Apesar de não serem desprovidos de títulos e de linhagem, mas pelo que isso vale hoje em dia...

— Percebo. Mas, pelo menos, alguma competência e experiência deve ter.

— Bem pode dizê-lo. Fui timoneiro nas últimas quatro viagens às Índias e ao Bornéu. Posso garantir-lhe, se me permite, que não há arrais melhor do que eu entre Sevilha e o porto de Palos. — E, à guisa de juramento, levantei a mão com a palma virada para Magalhães.

— Em palavreado são todos bons. Quando se está em terra, é fácil ser o melhor arrais do mundo — respondeu Magalhães.

— Sim. — E cuspi nas mãos, pondo-lhas diante da cara. — Olhe para estas mãos. Grandes e robustas. Sólidas e firmes como rocha. Mas é sobretudo por *esta* que eu faço juramento — disse eu,

tocando na têmpera. — O segredo dos bons oficiais está aqui, na cabeça. E, se me permite, direi que não me falta um grama de miolos, pelo contrário, tenho que sobre, para dar e vender.

— Dos bons oficiais *inferiores* — corrigiu-me ele.

— Claro — continuei. — Sem contar que tenho uma vista de falcão. — Ao dizê-lo, quase por brincadeira, tirei da bolsa que tinha a tiracolo uma lente grossa que encostei ao olho direito, enquanto me esforçava por manter fechado o olho esquerdo, focando o olhar nos bairros orientais de Sevilha, espriados na vertente de uma pequena colina, logo abaixo da fileira dos moinhos de vento. — Quer que lhe diga o que está escrito lá em baixo, naquela tabuleta presa ao edifício amarelo?

— Deite isso fora, deixemo-nos de palhaçadas. Não gostamos cá disso.

— No entanto, aposto que ninguém aqui consegue ler a uma distância destas... *Brigantino*, é o que está lá escrito. E diga-me lá agora se um olho como o meu não pode ser útil!

— Aposto que é ali que está hospedado — foi o comentário do almirante.

— Como queira — apressei-me a dizer-lhe. — Mas devo avisá-lo: não sou bom apenas a tagarelar, apesar de, com os selvagens, essas coisas também serem úteis; como terá oportunidade de confirmar, quando é preciso sou um homem de ação, prático e de confiança. E, para completar, sou um bom combatente. — Dei-me então conta de que alguma coisa me andava no nariz. Levantei a mão e apanhei-a. Era uma aranha, daquelas peludas. Atirei-a para o chão e, praguejando, pisei-a várias vezes, como se uma só não bastasse. Por pouco Magalhães não desatou a rir-se. Vi o esforço que ele fez para se conter.

— Não faça palhaçadas — recriminou-me, embora num tom bonacheirão. — De qualquer maneira — acrescentou, também para apagar aquele meio sorriso que lhe pairava nos lábios apertados —, do que eu preciso é de um bom timoneiro e, até agora, ainda não encontrei nenhum do meu agrado. Ou que, pelo menos, servisse para a *Trinidad*. Mas ainda não sei se o senhor é isso que pretende ser.